

litaram a ampliação dessa análise, em que estabeleço associações entre a leitura de Mário de Andrade sobre o Aleijadinho e a de Lezama Lima, ambos ressaltando a condição "mulata" do artista e a construção de uma obra marcada por este aspecto híbrido e paradoxal. Essa postura, ao ser também assumida por Lezama Lima, no artigo "A Curiosidade Barroca", considera a arte de Aleijadinho como representante da rebelião artística dos negros. Sua interpretação aproxima, de forma metafórica, obra e artista, pela mediação da lepra, um dos fatores, segundo ele, responsáveis pelo caráter corrosivo e proliferante do barroco do artista mineiro.

## O EXERCÍCIO DA LITERATURA COMPARADA

A grande controvérsia internacional sobre o livro *Os Versos Satânicos*, de Salman Rushdie, pode ter provocado a primeira vítima fatal — o professor Hiroshi Igarashi, que traduziu a obra para o japonês. Ontem, seu corpo foi encontrado no campus da Universidade de Tsukuba, ao norte de Tóquio, onde lecionava literatura comparada. Igarashi tinha 44 anos e foi esfaqueado próximo a sua sala no sétimo andar da Faculdade de Ciências Humanas.

*Jornal da Tarde*

Essa notícia, estampada em todos os jornais do mundo em meados de julho de 1991, parece saltar das páginas de um romance policial. Mais uma vez a literatura provoca o enredo de histórias reais que prolongam seu texto sob a forma de um complô criminoso. O assassinato do tradutor japonês dos *Versos Satânicos* remete, literalmente, para a célebre declaração de Barthes da

"morte do autor", ao exercer o tradutor o papel do verdadeiro autor do texto. Desempenhando, no *imbroglio* policial, uma função simbólica, como representante do outro e em posição deslocada frente a si próprio, a figura do autor torna-se signo vicário, um lugar que será infinitamente preenchido.

Se, na religião islâmica, a obediência à palavra paterna do profeta Maomé deve ser rigorosamente cumprida, os escolhidos para falar em seu nome jamais se apresentam como autores, mas como tradutores fiéis da "verdade" imposta. A "blasfêmia" de Rushdie realiza o desejo do tradutor de tornar-se autor, opondo-se à ordem paterna, assim como à defesa de seu texto como cópia rasurada e esquecida do original. Ao ser acusado de deturpar a escrita sagrada, por traduzi-la de modo infiel, assume a feição do tradutor-autor que se nega a reproduzir literalmente o original, criando outro texto.

Rompida a ordem simbólica, a escrita se inscreve sob o signo do parricídio e atua como droga venenosa, capaz de provocar mortes e assassínatos. O tradutor japonês, ao propiciar aos leitores de seu país o acesso ao livro proibido, repete o gesto parricida do autor, razão pela qual é assassinado "em nome do Pai". A literatura, especificamente o livro, em virtude da confusão entre fanatismo religioso e fanatismo político, torna-se o pivô de intrigas internacionais, passando a ter um valor que ultrapassa o literário.

Na impossibilidade de eliminar o autor da obra e assegurar a hegemonia da palavra sagrada, mata-se o tradutor, o que comprova o estatuto de tradutor conferido à autoria pela religião islâmica. Por outro lado, eleva-se o tradutor à categoria de autor, graças à fragilidade assumida pela noção de propriedade autoral.

A notícia desse assassinato causa estranheza e provoca o riso, principalmente por nos sentirmos distantes dessa realidade e por se tratar, justamente, de um professor que lecionava literatura comparada em Tóquio. Como primeira reação de estranhamento ao episódio, deve-se registrar que a literatura comparada e, no caso específico, a tradução saem do espaço fechado do ambiente acadêmico para entrar nas páginas policiais da imprensa. Traduzir e comparar, práticas nem tão inocentes e descompromissadas,

explodem em crimes e mobilizam leitores do mundo inteiro. A imagem do tradutor encontrado morto ao lado de sua sala, no 7º andar da Faculdade de Ciências Humanas, representa uma cena inusitada no nosso cotidiano acadêmico: *O Nome da Rosa* e os textos de Borges descem das estantes e se integram à realidade do ambiente.

Durante o Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada, realizado em Tóquio em agosto de 1991, o episódio do tradutor japonês não foi citado sequer em nota de pé-de-página. Assassinatos que envolvem fanatismos religiosos e políticos tornam-se perigosos para o debate acadêmico, considerando-se que lá se encontravam representantes de quarenta países. Empregar metaforicamente o conceito de tradução como *parricídio* não acarreta problemas mais sérios, como trazer à cena a atualização, ao pé da letra, do conceito. A minha participação nesse Congresso, no *workshop* sobre as "Tendências Atuais da Teoria Literária", abordou exatamente a questão da autoria e do lugar ocupado pelo sujeito no discurso crítico, apontando as transformações processadas nesse discurso nos últimos vinte anos. Acrescentei ainda reflexões ligadas à importação de teorias estrangeiras entre nós, bem como à necessidade do aprimoramento de um projeto teórico de literatura comparada no Brasil. Os "versos satânicos" do processo político e cultural brasileiro entraram, sorrateiramente, nas linhas do meu texto.

Perseguindo sempre os caminhos trilhados por Borges com seus roubos e assassinatos textuais, ofereço em 1985 o curso sobre "Literatura Comparada e a Tradução", no Doutorado em Letras, com a participação do professor Lauro Belchior Mendes. Com o objetivo de discutir tópicos que ultrapassem a idéia da tradução como prática lingüística, ampliamos seu campo de atuação, relacionando a disciplina às tendências da crítica literária contemporânea, como a intertextualidade, a estética da recepção, o desconstrutivismo, entre outras.

Não poderia haver, para mim, melhor saída para os estudos de literatura comparada do que esta oferecida pela pesquisa da tradução. A abertura proporcionada pelo contato com a obra de

especialistas nacionais e estrangeiros que se dedicam a esse tema muito me tem ajudado, até mesmo na revisão de alguns conceitos pertencentes à teoria da literatura. Grande parte de meus artigos tratam da relação da tradução com a crítica literária ou da prática tradutora em autores como Borges e Mário de Andrade, entendida no seu aspecto cultural e como forma de releitura dos modelos legados pela literatura estrangeira.<sup>16</sup>

Como assinei no início deste *Memorial*, meu trajeto acadêmico está marcado, nos últimos dez anos, por uma relação mais próxima com a literatura comparada, por razões já largamente expostas. Ressalto, sobretudo, o fato de ter assumido em 1988 a presidência da Abralic, o que me permitiu ampliar meu desempenho nessa área de estudos.

Ao aceitar a presidência da Abralic, pretendi dar prosseguimento aos princípios que nortearam sua primeira gestão, conduzida por Tania Franco Carvalhal, a quem coube a difícil tarefa de dar corpo à Associação e responsabilizar-se pelos seus primeiros passos e sua gradativa consolidação. Venho a exercer, neste cargo, uma atividade que ultrapassa as fronteiras da instituição, impulsionando, em âmbito maior, a promoção do intercâmbio entre estudiosos das universidades nacionais e as condições para um diálogo com a cultura estrangeira. Por reconhecer que uma Associação não significa o aumento de encargos burocráticos nem o incentivo ao corporativismo e a disputas pessoais, esforcei-me por defender um espaço de reflexão e enriquecimento de experiências acadêmicas, bem como de sistematização do quadro teórico da disciplina.

---

<sup>16</sup> As pesquisas que estão sendo desenvolvidas no Mestrado e no Doutorado em Letras da UFMG têm se voltado bastante para o estudo da tradução, e cito, entre elas, duas teses de doutorado realizadas sob minha orientação: a primeira, de Maria do Carmo Lanna Figueiredo, "Ler e Escrever: variações sobre o mesmo tema", defendida em maio de 1990, examina a obra de Osman Lins à luz da teoria da leitura e da tradução. A segunda, de Ana Maria de Almeida, intitulada "A Demanda da Santa Escritura", defendida em maio de 1991, aborda a escrita de Guimarães Rosa como forma de tradução e reconstrução do universo mítico, filosófico e alquímico. Estuda ainda a correspondência do autor com seu tradutor italiano, E. Bizzarri, da qual extrai excelentes reflexões para a teoria da tradução.